


## FIGURAS DO NARRADOR E DA MORTE EM “MANDIOCAL”, DE PAULLINY TORT

Figures of the narrator and death in 'Mandiocal', by Paulliny Tort

Vanessa de Paula Hey<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-4773-9836> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Letras, Curitiba, PR, Brasil. 80060-000 – pglet@ufpr.br

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise do conto “Mandiocal” escrito pela autora brasileira Paulliny Tort e publicado no volume de contos intitulado *Erva brava* em 2021. Nesta investigação, adota-se uma abordagem de leitura próxima ao texto literário (Close Reading), enfocando elementos internos e estruturantes que se mostram relevantes para a compreensão da narrativa. Entre esses elementos, destaca-se a figura do narrador, cuja retórica desafia as fronteiras discursivas entre o foco narrativo e a voz dos personagens. Além disso, aborda-se a temática da morte, que permeia toda a narrativa, assumindo um papel simbólico, especialmente no diálogo com questões relacionadas à desigualdade social. Por meio dessa análise, busca-se também investigar a representação da fissura institucional, tanto nos signos verbais quanto nos signos não-verbais apresentados no conto. A disjunção entre as instâncias de poder denota, como mostraremos, a existência de dois mundos descompassados, em que o mundo institucionalizado é alheio à forma como a população interiorana vive, se organiza, e delibera sobre suas dissidências.

**Palavras-chave:** Erva Brava; Paulliny Tort; Literatura brasileira contemporânea; narrador.

**Abstract:** This article proposes an analysis of the short story “Mandiocal” written by the Brazilian author Paulliny Tort and published in the collection of short stories titled *Erva Brava* in 2021. In this investigation, a close reading approach is adopted, focusing on internal and structural elements that are relevant to the understanding of the narrative. Among these elements, the figure of the narrator stands out, whose rhetoric challenges the discursive boundaries between the narrative focus and the voice of the characters. Additionally, the theme of death is addressed, which permeates the entire narrative, assuming a symbolic role, especially in dialogue with issues related to social inequality. Through this analysis, an investigation is also sought into the representation of institutional fracture, both in verbal and non-verbal signs presented in the short story. The disjunction between the instances of power denotes, as we will show, the existence of two mismatched worlds, where the institutionalized world is oblivious to how the rural population lives, organizes itself, and deliberates on its dissidences.

**Keywords:** Erva Brava; Paulliny Tort; Contemporary Brazilian literature; narrator.

### Introdução

*Erva Brava* é o primeiro livro de contos da escritora e jornalista brasileira Paulliny Tort, publicado em 2021 pela editora Fósforo. O volume é composto por doze contos que são ambientados na cidade fictícia de “Buriti Pequeno”, localizada no estado concreto de

Goiás. Essa cidade, onde os personagens vivem, interagem e à qual reagem, funciona como uma espécie de microcosmos da humanidade, suscitando problemáticas que ultrapassam a esfera regional, tais como: a exploração e subsequente destruição da natureza, as precárias condições de trabalho, o patriarcalismo e a desigualdade social.

A obra configura-se a um só tempo como o retrato de uma região e época que se revelam surpreendentemente próximas da realidade empírica de muitos de seus leitores, tornando este universo reconhecível e até mesmo familiar. O espaço, uma cidade pequena e os seus entornos – a zona rural dos arredores –, é o elemento que liga as narrativas, atribuindo à coletânea certa unidade e, assim, ares romanescos. Embora os personagens dos diferentes contos não interajam diretamente uns com os outros, todos são influenciados por esse cenário comum.

Esse mundo, ancorado no passado, está longe de ser idílico ou bucólico, apresenta-se antes como um retrato contemporâneo desse campo, com histórias permeadas por uma tensão constante entre tradição e modernidade. Todavia, percebe-se brotar desse ambiente tão árido e rígido, brechas de vida. Há, assim, contos que, de um lado, representam estados de calamidade e decadência, as ervas daninhas de nosso tempo, sugeridas pelo próprio título da obra – de que são exemplos: a fome, a violência, a desigualdade, e os desastres ambientais; e, de outro lado, histórias de bravura e coragem, uma forma de resistir a essas mesmas adversidades. *Erva Brava* revela, então, ambientes desafiadores, dos quais é possível extrair realidades instigantes. Nesse contexto, propomos neste artigo uma análise do conto “Mandiocal”, oitavo da coletânea *Erva Brava*.

### **Reflexões sobre o narrador de “Mandiocal”**

Resumidamente, o conto “Mandiocal” apresenta a história de um homem, Lourival, que se dedica a arar a terra com o intuito de cultivar seu próprio terreno de mandioca em um pequeno rancho onde vive junto a sua mulher. Durante o processo, ele se depara com os restos mortais de um “desconhecido”, alguém que fora ali enterrado há muito tempo.

No começo do conto, somos apresentados a Lourival, cuja primeira cena retrata-o em plena labuta, trabalhando a terra com o objetivo específico de plantar o seu mandiocal. Essa atividade, como nos é revelado pela trama, representa um sonho acalentado por Lourival desde o momento em que se uniu a Maria.

Pelos retratos e ações apresentados, Lourival revela-se ao leitor como um indivíduo trabalhador, cujo lema é “já plantei de tudo, de tudo” (TORT, 2021, p. 63). Além disso, demonstra uma notável resistência física ao trabalhar a terra em idade avançada (a narrativa informa que ele já ultrapassou os sessenta anos). Por fim, Lourival manifesta-se também como um sujeito obstinado, pois, mesmo contra o conselho da esposa, decide cultivar seu mandiocal em uma área que ela havia indicado como infértil. Essa última informação é introduzida logo no início do conto, quando Maria se mostra insatisfeita ao testemunhar Lourival mexendo naquele terreno. Ela o adverte: “a minha avó dizia que

nada floresce nesse local, tem muita argila, tudo se deteriora, não entendo por que você insiste” (TORT, 2021, p. 63). No entanto, é justamente essa teimosia inicial por parte de Lourival que desencadeia uma série de eventos, pois é ao decidir revolver aquele pedaço de terra, contrariando os desejos da esposa, que não apenas um corpo, mas outras histórias são desenterradas.

Neste conto, o narrador em terceira pessoa concentra mais a voz, e os personagens, com poucas falas diretas, se expressam por meio do discurso direto. No entanto, devido à ausência de uma marcação gráfica clara (e à adoção da perspectiva de Lourival sobre fatos narrados), a voz dos personagens parece emergir diretamente do narrador, resultando na impressão de haver uma mescla de suas reflexões às dos próprios personagens. Essa estratégia narrativa, que se assemelha a do discurso indireto livre<sup>1</sup>, reflete a organização da linguagem no texto e causa uma sobreposição das fronteiras discursivas entre as vozes do narrador, Maria e Lourival. Por meio do uso desse discurso, misturam-se perspectivas, e a voz do narrador parece querer se converter “na fala da qual é paráfrase”; podemos ouvi-lo “como uma espécie de sombra” (WOOD, 2011, p. 13).

O uso desse foco narrativo coaduna, em termos de ambientação, àquilo que o romancista Osman Lins (1924-1978) descreve em sua coletânea de ensaios *Lima Barreto e o espaço romanesco* (1976) como “ambientação reflexa” (LINS, p. 82). Nela, “as coisas [relativas à trama], sem engano possível, são percebidas através da personagem” (LINS, 1976, p. 82), sem haver, no processo, o auxílio intruso e sistemático do narrador que, na maioria das vezes, apenas se deixa levar pela perspectiva do personagem, compartilhando o olhar deste sobre os eventos narrados.

Essa espécie de visão compartilhada, sustentamos aqui, orienta a tessitura do conto, haja vista que, mesmo empregando a terceira pessoa, é por intermédio da perspectiva de Lourival que temos acesso aos eventos que permeiam a história, como, por exemplo, a forma como ele conheceu Maria.

O encontro entre Lourival e Maria ocorreu durante os preparativos de uma festa de São João, quando Lourival testemunhou uma discussão entre Maria e o vigário, a quem ele considera “santo e educado” (TORT, 2021, p. 63). Nessa situação, Maria se comportou de maneira desafiadora, tratando o vigário como um igual e ignorando sua autoridade, o que Lourival achou engraçado. A personalidade intrigante de Maria, descrita por Lourival como “invocada” (TORT, 2021, p. 63), chamou sua atenção, assim como o fato de ela não ter filhos e possuir um sítio próprio onde vive sozinha. Esses detalhes são relevantes, pois logo em seguida é revelado que Lourival é um sem-terra, alguém que nunca herdou nada de ninguém. A partir disso, pode-se conjecturar que o que atraiu Lourival em Maria, tanto material quanto espiritualmente, é exatamente aquilo de que ele

---

<sup>1</sup> Segundo Todorov e Ducrot (1972), em seu *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*, essa forma de organização engloba as marcas de ‘tempo’ e ‘pessoa’ do discurso indireto, representado pelo narrador, entretanto, sua estrutura semântica e sintática é permeada pelas características do discurso direto dos personagens.

carece.

Nessa mesma passagem, somos informados de que aos vinte anos Maria, que se casara aos quinze, ficou viúva e sem companhia. Seu ex-marido desapareceu e mais tarde foi encontrado “morto de tiro num puteiro em Formosa” (TORT, 2021, p. 61). Naquela ocasião, Maria se recusou a ir até a cidade para identificar o corpo, o que as pessoas consideraram ser uma barbaridade. No entanto, Maria não se importava com a opinião alheia, era, nas palavras do narrador, que aqui se mesclam as de Lourival, “teimosa feita o diabo” (TORT, 2021, p. 64). É interessante destacar que, até esse momento, tudo o que sabemos de Maria, sabemos-no-lo da perspectiva de Lourival. Sabemos, portanto, o que ele sabe sobre ela.

No momento em que Lourival está revirando a terra e ponderando sobre o destino da futura colheita de mandioca, surge uma reflexão bastante interessante sobre sua condição de gente pobre, que ele relaciona diretamente ao cultivo de mandioca. Para ele, “a mandioca é uma planta boa, [...], feita para atender às necessidades dos pobres, às precisões de gente como [ele], que nunca [teve] nada além de mãos e pernas para trabalhar” (TORT, 2021, p. 64), ou seja, que nunca teve nada além de sua força de trabalho – o que notoriamente é muito, mas que aqui, para ele, parece representar pouco, ou resignadamente, ser o suficiente.

Após estabelecer a conexão entre sua condição de gente pobre e o cultivo de mandioca, e ainda no intuito de refletir sobre esse estado, é possível depreender que ele o entenda como a situação de alguém que nunca fora a escola (e, portanto, não teve acesso à educação), alguém que nunca fora ao médico (evidenciando a falta de cuidado com sua saúde), e de alguém que nem mesmo pode ir à cidade grande, ainda que, como dirá, “tenha até vontade de conhecer, só para ver como é” (TORT, 2021, p. 64). Estamos, pois, diante de um sujeito que não tem recursos para explorar lugares para além daquele em que se encontra. Alguém, enfim, que nunca teve um pedaço de terra para chamar de seu, que só plantou para os outros e que, por isso, “só fez enriquecer aos outros” (TORT, 2021, p. 67). Um sujeito pobre sem condições de ascender social e economicamente por meio de sua força de trabalho.

Conforme evidenciado, Lourival percebe a si mesmo como um sujeito desprovido de educação, cuidados médicos e recursos financeiros, um trabalhador da terra desde tenra idade. Essa é a forma como ele se vê, porém, há aspectos que ele não percebe, que passam, portanto, despercebidos, como as marcas físicas deixadas pelo trabalho pesado; estas são reveladas pelo narrador, que dirá:

Da terra revolvida, saltam larvas, formigas, besouros, mas Lourival nem vê, assim como não percebe a lida arrancar o suor do corpo, engrossar os calos nas palmas, sujar mais a roupa e as botinas. Mal sente a força que sai dos ossos a cada golpe da enxada, o ranger das articulações gastas, a fome que se avizinha à hora do almoço (TORT, 2021, p. 64).

Essa passagem, que se insere em uma reflexão mais ampla sobre o trabalho de

Lourival, mostra o que personagem parece não perceber por si só, sendo, portanto, comunicado pelo narrador. Nesse momento, o narrador assume a dianteira para transmitir ao leitor a extensão árdua e penosa do ofício de Lourival, a quantidade de esforço físico exigido e os desgastes que ele mal nota, como indicam as expressões “nem vê”, “assim como não percebe” e “mal sente”. Lourival encara essa atividade aparentemente mecânica e alienada como algo intrínseco e natural a sua essência, estabelecendo, desta forma, uma conexão primitiva entre essa ocupação e a maneira como a executa. O personagem mantém um vínculo quase visceral com a terra, e a energia que despende laborando-a é a única coisa que verdadeiramente possui, uma vez que as terras não são suas. Ao conduzir o leitor a ponderar sobre o trabalho, suas condições e a relação de Lourival com ele, o narrador ultrapassa as reflexões do próprio personagem e, nesse processo, nos convida a fazer o mesmo.

A presença do narrador como uma voz reflexiva dos fatos narrados se manifesta também em outras situações do conto, como na menção ao vereador Amaury Barbosa 15500, cuja foto está estampada na camiseta que Lourival veste para trabalhar. O narrador revela que Lourival não consegue lembrar se votou ou não no vereador, nem mesmo se ele foi um representante competente, o que leva à conclusão de que “o rosto estampado na camiseta passa despercebido por ele” (TORT, 2021, p. 62), não despertando sua atenção nem provocando reflexões.

O rosto do vereador pode não chamar a atenção do personagem, porém, o narrador o destaca insistentemente, buscando a percepção do leitor. Ao longo do texto, o vereador é mencionado em seis ocasiões, o que desperta curiosidade, principalmente considerando que ele está morto durante os eventos narrados. Mais adiante, explorar-se-á a relação entre o vereador e a temática da morte que tem sido anunciada ao longo do texto.

### **A representação da morte em 'Mandiocal'**

A morte é um dos elementos centrais na leitura de “Mandiocal”, sendo representada de diversas maneiras ao longo da história; a mais evidente, acreditamos, surge em seu clímax, quando Lourival, ao cavar a terra, encontra um cadáver. Essa situação, responsável por desencadear os demais acontecimentos da narrativa, revela segredos que de outra forma não se tornariam públicos, tanto para o leitor quanto para Lourival, já que é por meio de sua perspectiva que o narrador nos conduz; como consequência, instaura-se um conflito entre os personagens da trama. Ademais, a descoberta e seus desdobramentos conferem ao conto ares fúnebres.

É interessante notar que, para além desse episódio central para o enredo, outros também abordam, de forma literal ou metafórica, a temática da morte. Ela aparece, por exemplo, já no primeiro parágrafo, com o retrato na camiseta de Lourival do já falecido vereador Amaury Barbosa 15500 – que, como se sabe, morreu de infarto; ela está, além disso, na composição da paisagem, através da presença dos gaviões, que atraídos pelas

últimas queimadas, sobrevoam os morros “caçando insetos no ar aquecido pelo fogo” (TORT, 2021, p. 62); no clima umbroso que se revela por meio do céu escuro de nuvens e fumaça; na menção ao ex-marido de Maria, presumivelmente morto por “um tiro em um puteiro em Formosa” (TORT, 2021, p. 63); no próprio movimento de Lourival de cavar a terra e, em seguida, encontrar uma ossada; na alusão ao falecimento da avó de Maria; no fato de ela ser órfão de pai e mãe; na segunda referência aos gaviões, às nuvens que agora não se distinguem da fumaça (TORT, 2021, p. 68); no trecho em que se retrata a folhagem morta ou quase morta; um cenário, enfim, que o narrador descreve com tintas cada vez mais sombrias. Em “Mandiocal”, como veremos, a representação da morte transcende tanto a paisagem natural quanto o espaço social, manifestando-se através da ambientação psicológica. Nesse contexto, atmosferas densas e conflituosas são habilmente criadas para espelhar os comportamentos, frequentemente conturbados, das personagens (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 80-81).

Esses signos, alusões diretas ou indiretas à morte, sejam eles verbais ou não verbais, não se limitam a caracterizar ou decorar as ações representadas pelo conto, introduzem, antes, uma dimensão simbólica, sendo essenciais ao contexto narrativo. São eles que ajudam a criar essa atmosfera cada vez mais rarefeita, formada pela presença da morte (ausência de vida), que homologa a tensão entre os personagens, podendo ser associados, ainda, aos seus estados de espírito. A título de exemplo, observa-se que a angústia vivenciada pelos personagens, que surge somente após a revelação da morte, está alinhada à maneira como o narrador descreve a paisagem natural – como se seu estado interior influenciasse o exterior.

Os gaviões continuam a caçar os insetos que são empurrados pelo calor do fogo em direção ao céu, onde já não se pode distinguir nuvem de fumaça. Os últimos dias da estiagem são os mais duros, os mais quentes. Atrás da horta, o mato seco crepita e as ervas ao longo do caminho que leva à casa estão cobertas de folhinhas marrons e amarelas, mortas ou quase mortas. Antes da chuva, nem o verde é o verde que se costuma ver, até as plantas sadias têm outro tom, descorado, lívido (TORT, 2021, p. 68).

Esse retrato, mais sombrio do que o figurado no início da narrativa, quando também são mencionados os gaviões e o céu escuro de nuvens e fumaça, relaciona-se ao atual estado de espírito de Lourival, que, nesse momento, já não se alegra ao pensar na chuva ou em seus benefícios para o mandiocal. Alegadamente, a morte, literal ou metafórica, está sempre nas imediações. Ela acompanha os personagens, cercando, em especial, a Lourival, que agora caminha com uma imagem muito “viva” do cadáver (TORT, 2021, p. 68) – ou seja, uma imagem muito nítida da morte, que agora o atravessa simbolicamente. Presa aos seus pensamentos, essa visão ajuda a aumentar a sua ansiedade e inquietação; ela reflete, como vimos, no modo como se percebe a quase inalterada paisagem natural.

Após a exposição do cadáver, a primeira ideia que vem à mente de Lourival é a de atribuir a responsabilidade daquela morte à avó de Maria, já que sua mulher costumava

contar que a avó sempre afirmava ser aquele pedaço de terra infértil para o cultivo.

Maria, sentindo-se acuada, muda de tom, de forma agressiva e, no intuito de se defender, resgata a história da avó, uma mulher tão boa, “uma santa” (TORT, 2021, p. 66-67), em sua opinião. Em seguida, ataca o marido, chama-o de “sem-terra”, lembrando tudo o que já fizera por ele: “você não era nada antes de se juntar comigo, Lourival, nunca tinha plantado um pé de couve que não fosse em terras dos outros, [...] você estava era correndo risco de tomar bala de fazendeiro, seu trouxa” (TORT, 2021, p. 67). Ao final, decide contar a Lourival que o esqueleto encontrado pertencia ao seu ex-marido:

O meu ex-marido, ele não foi embora, Lourival. Os dois se olham, parecem não respirar. O homem comia da minha comida e depois ficava me dando ordem, faz isso, faz aquilo, como se fosse um rei. E me batia, batia muito, batia tanto que perdi duas crianças na barriga, Lourival. Na segunda, só não morri porque a curiosa apareceu para ajudar. Eu não aguentava mais, eu não aguentava. Aí eu disse chega, chega que não vou aturar mais, que não vou... Os olhos de Maria desabam, desaguam, desaparecem. Entre soluços, conta que bateu na cabeça dele com um machado, em uma noite de muita violência, depois arrastou o corpo e abriu uma vala para enterrar. Como o homem vivia falando pelos bares que não havia nascido para roça e mulher feia e que ainda largaria aquela vidinha de merda, ninguém duvidou quando Maria disse que ele tinha ido embora. E o defunto de Formosa, aquele que diziam ser do seu marido? Ah, esse não sei quem é, confundiram (TORT, 2021, p. 69).

Mesmo diante do colapso emocional de Maria e de seu comovente depoimento – que apela à compaixão de Lourival – ele se vê perplexo, começa a imaginar a si mesmo no lugar daqueles restos humanos; projeta na morte que vê, a sua própria. Em parte, reluta em acreditar na possibilidade de Maria ter sido capaz de tamanha “maldade”, “nunca atribuiria a ela a morte de um homem”, ainda mais sabendo que era religiosa (TORT, 2021, p. 70). Nesse momento, anseia fervorosamente que tudo aquilo não seja verdade, deseja poder continuar desfrutando da vida que sempre compartilhou ao lado de sua mulher. No entanto, questiona-se: seria isso realmente possível? Será ele o próximo a ser vítima de uma machadada e apodrecer no terreiro? (TORT, 2021, p. 70). Dessa forma, o que brota da terra não é a sua tão sonhada mandioca, símbolo da alimentação que dá condições à existência da vida humana, mas um cadáver, a presença da morte, inquietações e o fim de um sonho. A reflexão sobre a morte aqui é também uma reflexão sobre a vida. Morte e vida, neste momento, passam a coexistir de forma intensa no imaginário de Lourival. A iminência da morte “faz lembrar que as capacidades humanas em relação ao universo natural [isto é, à vida] são limitadas” (MUNIZ, 2006, p. 160).

Outra forma como a 'morte' vem sendo desenhada no conto é por meio das aparições do vereador Amaury Barbosa 15500 – através, principalmente, de sua imagem, que está na camiseta de trabalho de Lourival. À medida que ele labora a terra, o retrato do vereador vai gradualmente sendo manchado de barro e suor. Essa sujeira, que inicialmente encobre o sorriso do político, vai deixá-lo, na sequência, irreconhecível; o que ocorre no momento em que Lourival encontra o cadáver e confronta Maria. O apagamento

de Amaury Barbosa, uma espécie de segunda morte, desta vez simbólica, culmina num grande momento de tensão na narrativa, em que outra morte vem à tona, a do ex-marido e, talvez, quem sabe, a do próprio Lourival.

A possibilidade de morte de Lourival e a presença viva (constante e nítida) do vereador na narrativa, dois elementos contrastantes que remetem, respectivamente, à morte daquele que ainda está vivo, e à vida (presença) daquele que já partiu, associam-se, ainda, no episódio em que Lourival retira o crânio da terra, instante em que sente uma grande indisposição.

(Lourival) larga o crânio como se este lhe queimasse a casca das mãos, patina até conseguir se levantar. Segura o peito na altura do coração, na altura também da orelha esquerda de Amaury Barbosa 15500. Lourival já passou dos sessenta, os músculos do coração murcharam, como estavam murchos os do Amaury Barbosa 15500 no dia daquele churrasco na fazenda São José (TORT, 2021, p. 65).

Tem-se, nessa passagem, o anúncio de um possível infarto de Lourival, comparável ao infarto do próprio Amaury Barbosa. Quando o vereador some da narrativa, através de seu desaparecimento simbólico (já que sua imagem se encontra coberta de suor e barro), abre-se espaço para a aparição do filho, como se o falecido vereador renascesse na forma de Amaury Barbosa Júnior 15111. Seu filho é descrito como um homem robusto, de dentes brancos (TORT, 2021, p. 70), características que, naquele contexto, denotavam uma boa alimentação e um status social e econômico privilegiado. Sua fotografia, estampada no calendário de campanha na parede da casa de Maria, está ao lado do retrato da avó, o que sugere que ele ocupará a posição que seu pai um dia ocupou, não apenas na política como vereador, mas também na vida daqueles indivíduos, pessoas como Maria e Lourival.

A organização social retratada no conto estrutura-se à semelhança do “coronelismo”<sup>2</sup> ou, ao menos, de suas reminiscências:

[Com] a abolição do regime servil e, depois, com a República, a extensão do direito de sufrágio deram importância fundamental ao voto dos trabalhadores rurais. Cresceu, portanto, a influência política dos donos de terras, devido à dependência dessa parcela do eleitorado, consequência direta da nossa estrutura agrária, que mantém os trabalhadores da roça em lamentável situação de incultura e abandono. Somos, neste particular, legítimos herdeiros do sistema colonial da grande exploração agrícola, cultivada pelo braço escravo e produtora de matérias-primas e gêneros alimentícios, destinados à exportação. A libertação jurídica do trabalho não chegou a modificar profundamente esse arcabouço, dominado, ainda hoje, grosso modo, pela grande propriedade e caracterizado, quanto à composição de classe, pela sujeição de uma gigantesca massa de

---

<sup>2</sup> Para Victor Nunes Leal (2012), o “coronelismo” representa um sistema de trocas e favores entre um poder público fortalecido e um poder privado cada vez mais decadente. Segundo o autor, o “campo de atuação” do “coronelismo” se concentra principalmente nos grandes latifúndios, lugar onde os “senhores de terra” ou os “coronéis” atuam com ampla autonomia. A estrutura agrária brasileira seria então o pilar que sustenta esses “resquílios de poder privado” (LEAL, 2012, p. 23).



assalariados, parceiros, posseiros e ínfimos proprietários à pequena minoria de fazendeiros, poderosa em relação aos seus dependentes, embora de posição cada vez mais precária no conjunto da economia nacional. (LEAL, 2012, p. 123)

A estrutura agrária brasileira, herdeira desse fenômeno, mantém os trabalhadores rurais em condições precárias, perpetuando o poder da grande propriedade bem como sua dominação sobre os assalariados, parceiros, posseiros e pequenos proprietários (situação em que se encontram Maria e Lourival). É, portanto, simbólica, também, a circunstância de a fotografia da avó, representante de uma antiga geração, estar ao lado da imagem de campanha do filho do vereador (uma nova geração que está, na verdade, associada a uma tradição política que há muito tempo governa esse espaço), e de pensar que, no âmbito social, esses políticos e suas ações ou inércia refletem – muitas vezes, de forma negativa – a história de tantas outras famílias, mais ou menos desvalidas que as de Maria e Lourival. Os símbolos, a camiseta mais que o calendário, cuja presença é sistemática ao longo do conto, funcionam como uma espécie de refrão, evidenciando as instâncias estabelecidas de poder, as quais pressupõe para o seu funcionamento “a decadência da nossa estrutura rural”. Essa decadência seria, então, favorável à perpetuação desse sistema, estabilizando, por meios políticos, “o poder privado residual que a caracteriza” (LEAL, 2012, p. 125).

Na sobreposição das imagens presentes na camiseta e no calendário, fica evidente a concentração de poder nas mãos de uma mesma família, sugerindo a consolidação dessa posição privilegiada. Isso implica na possível continuidade de um projeto de governo que não contribui de forma alguma para superar a situação de atraso enfrentada por muitos, incluindo a maioria de seus eleitores, como Maria e Lourival.

É curioso pensar ainda, por meio da alusão ao vereador e ao seu filho, que quando morre alguém de posses, proveniente de uma família que detém certos poderes políticos e financeiros, como é o caso da família de Amaury Barbosa, não há a instauração de uma crise ou grande crise, com empobrecimento, ou mesmo, uma piora de seu status de poder. O cenário parece não ser abalado, ao que tudo indica, ele se mantém, uma vez que haverá sempre alguém, aqui em específico, um herdeiro, para ocupar aquele lugar, quase como um direito de nascença, ou uma herança, que se perpetua de geração em geração.

Porém, quando morre alguém de uma família pobre, referência à avó de Maria, as condições financeiras parecem sofrer um grande abalo, já que os bens são poucos e aqueles com quem se dividem muitos – à exceção de Maria, que era neta, ainda que tratada como filha devido à morte de seus pais, sua avó havia criado mais 11 filhos e uma penca de netos (TORT, 2021, p. 66). Todos eles, de acordo com Maria, haviam recebido sua parte, o que sugere que a herança que ela recebeu é, de fato, um pequeno pedaço de terra que lhe proporciona sustento e, de forma ocasional, um excedente que pode ser vendido no vilarejo. Os produtos cultivados por Lourival, assim como pelos ajudantes “miseráveis que apareciam de vez em quando” (TORT, 2021, p. 63), dificilmente geraram

ou gerarão lucros que possibilitem uma melhora financeira. Portanto, não há uma superação de sua situação econômica e social por meio da herança ou do trabalho. Mesmo na morte, é significativo observar que Amaury Barbosa 15500 tenha falecido em um churrasco, num momento de celebração, enquanto Lourival se depara com a morte durante o seu trabalho com o plantio de mandioca. O pobre, como retratado no conto, parece apenas sobreviver, sem ter acesso a uma melhora de vida.

Ao analisarmos a situação específica de Lourival, considerando que teoricamente ele teria melhorado de vida ao se unir a Maria, passando de um sem-terra a beneficiário do rancho da mulher, onde pode cultivar para si e não mais para os outros, ainda assim podemos constatar que sua condição não melhora. A realidade se apresenta a ele de maneira cruel, especialmente após a descoberta do cadáver, a ponto de negar-lhe até mesmo o tão almejado mandiocal. Mesmo sendo um sonho modesto, ele não vai ser realizar, não naquela nova conjuntura.

No conto, a morte assume significados distintos para esses dois grupos: os que estão no poder e os sujeitos a ele. Para a família de Amaury, a morte é uma perda que pouco afeta a manutenção de sua posição de poder na região, especialmente agora com o filho candidato a vereador. No entanto, para Maria e Lourival, representa uma tragédia em suas vidas. Maria é obrigada a se expor, revelando a identidade do cadáver e o homicídio que cometeu, ficando à mercê da disposição de seu marido em não tomar medidas drásticas, como chamar a polícia; essa exposição a coloca em uma situação de vulnerabilidade, dependente da benevolência de Lourival. O resultado é que ela passa a ocupar uma posição submissa em relação a ele, o que não condiz com sua personalidade “invocada” (TORT, 2021, p. 63). Lourival, por sua vez, encontra-se atordoado com a notícia, impactado, sente como se ele mesmo tivesse levado a machadada, não perde de vista que ele pode ser o próximo. E mesmo que ele pondere sobre a situação – como indicam seus gestos (“apenas coloca a mão direita no ombro dela”), palavras (“pede que não se preocupe”) e ações (vai rumo à cova “enterrar o defunto”) (TORT, 2021, p. 70) –, restará ainda entre eles um grande mal-estar. Maria não sabe até quando aquela promessa será mantida; enquanto Lourival, de certa forma, se sente refém da situação, temendo o que acabou de descobrir sobre a mulher: sua capacidade de matar uma pessoa e resolver conflitos como os homens nesse contexto normalmente resolvem, de maneira violenta.

A representação da morte na narrativa, através dos vários elementos que remetem à ausência de vida, dá a ela um ar fúnebre, não apenas pela morte literal, através do cadáver e referências a mortes passadas, mas também metaforicamente, por meio da tensão criada pelo narrador na descrição dessa realidade desafortunada, tanto no nível social quanto das relações privadas.

## **Considerações finais**

A questão social, figurada no conto através do contraste, de um lado, dos



afortunados e, de outro, daqueles que vivem em condições precárias, ainda que não totalmente empobrecidos, é anunciada e mesmo denunciada através da distância que aqui se apresenta entre essas duas realidades. Além disso, a simbologia das instâncias de poder, representada pelas referências aos vereadores ao longo da narrativa, evidencia a falta de interesse no domínio ou controle dessas figuras sobre a vida dos habitantes pobres dessa comunidade rural, que encontram suas próprias maneiras de resolver os conflitos que afetam suas vidas.

Os vereadores, representantes da política, são entidades fortuitas nesse universo, não o alcançam de forma efetiva, ao menos, não para melhorar a condição de seu povo. O mundo institucionalizado é, portanto, desconectado da maneira como essa população vive, se organiza e resolve suas divergências. Tal realidade é reforçada pela presença recorrente dessas figuras, que adentram esse mundo empobrecido apenas simbolicamente, ausentes em sua realidade concreta.

A manutenção desse sistema político, que continua a privilegiar os que estão no poder, interessa aos seus representantes e determina de forma grave a vida das pessoas, já que não atende às suas necessidades mais básicas. Esses políticos, que teoricamente poderiam melhorar a vida dos cidadãos, têm, por conta do descaso, pouca influência sobre eles. O universo desses sertanejos – os habitantes do Cerrado – é moldado, assim, não apenas pelas instituições ou, nesse caso, pela sua falta de sua atuação, mas também pelas relações pessoais e arbitrárias, evidenciado na forma como Maria e Lourival resolvem os conflitos. A representação política, ao que tudo indica, não chega até lá, não penetra esse universo de maneira significativa.

Existe, portanto, uma fissura institucional presente na camiseta e no calendário, que se manifesta na intimidade da vida desses personagens. Essa disjunção entre as esferas – de um lado, a vida cotidiana dos sertanejos, com suas relações e formas de governança; e de outro, as instituições de poder e seu descaso frente à população que representam – revela a existência de dois mundos descompassados. Embora um possa estar dentro do outro, não há uma efetiva interseção entre eles. Os políticos não conseguem, desta forma, alcançar o mundo rural marginalizado, como sugere a evidência de que o legado de Amaury Barbosa se resume a uma camiseta de campanha, e ao fato de Lourival sequer se lembrar se ele foi um bom político.

## Referências

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

MUNIZ, Paulo Henrique. O estudo da morte e suas representações socioculturais, simbólicas e espaciais. *Revista Varia Scientia*, v. 6, n. 12, p. 159-169, set. 2006.



SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TODOROV, Tzvetan; DUCROT, Oswald. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. Trad. de Alice Kyoko Miyashiro, J. Guinsburg, Mary Amazonas Leite de Barros e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1972.

TORT, Paulliny. *Erva Brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.

WOOD, James. *Como funciona a ficção?* Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

## NOTAS DE AUTORIA

**Vanessa de Paula Hey** (vanessa.hey@gmail.com) é formada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal do Paraná, com sólida experiência profissional na área de Educação, Autoria, Editoração e Tradução. No momento, a autora se encontra vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição, onde realiza seu doutorado com ênfase em Estudos Literários. Sua pesquisa atual é um estudo sobre o Modernismo, a modernidade, e a modernização nas obras de escritores como Monteiro Lobato, Franz Kafka e Érico Veríssimo.

### Agradecimentos

Não se aplica.

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

HEY, Vanessa de Paula. Figuras do narrador e da morte em “Mandiocal”, de Paulliny Tort. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-13, 2023.

### Contribuição de autoria

Não se aplica.

### Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

### Conflito de interesses

Não se aplica.

### Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.



**Histórico**

Recebido em: 01/06/2023

Revisões requeridas em: 20/07/2023

Aprovado em: 14/10/2023

Publicado em: 30/10/2023

